

MIGRAÇÃO E COLONIALIDADE: PENSANDO O IMIGRANTE BRASILEIRO EM LONDRES

MIGRATION AND COLONIALITY: THINKING THE BRAZILIAN IMMIGRANT IN LONDON

Priscilla Menezes de Oliveira (CEPPAC/UnB) – prilver@gmail.com

Resumo: O presente artigo visa refletir sobre o imigrante brasileiro em Londres a partir de uma ótica da colonialidade que atravessa os rituais cotidianos das relações sociais nas grandes metrópoles europeias. Para entender o contexto social em que esses imigrantes se encontram, vou introduzir uma análise de perspectiva histórica para o fenômeno analisando questões tal como a inserção do imigrante brasileiro no mercado de trabalho. Nesse sentido, é fundamental analisar as inter-relações existentes entre migração e colonialidade através das categorias língua e estereótipo. O imigrante compõe o cenário ocupando posições sociais determinadas em grande parte pelo estereótipo e país de origem. O conhecimento da língua nativa também é elemento fundamental para a inserção do imigrante seja nas relações sociais cotidianas, seja no mercado de trabalho.

Palavras-chave: migração brasileira, colonialidade, estereótipo, linguagem.

Abstract: This article aims to reflect on the Brazilian immigrant in London from a perspective of colonialism that runs through the daily rituals of social relations in large European cities. To understand the social context in which these immigrants are, I will introduce a historical analysis perspective to the phenomenon analyzing issues such as the insertion of Brazilian immigrants in the labor market. Therefore, it is crucial to analyze the interrelationships between migration and colonialism through the categories language and stereotype. The immigrant composes the scene occupying social positions determined largely by the stereotype and country of origin. The knowledge of the native language is also a key element for immigrant integration in everyday social relations, whether in the labor market.

Keywords: brazilian migration, colonialism, stereotype, language.



INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte de um trabalho de pesquisa que se encontra em fase inicial de desenvolvimento e visa examinar questões da imigração brasileira e da colonialidade que auxiliem a futura entrada no campo de pesquisa etnográfica. O tema se encaixa no contexto da imigração brasileira para a cidade de Londres. O objetivo geral da pesquisa em andamento é analisar, através da ótica da colonialidade, as representações do imaginário do imigrante no contexto urbano londrino a partir do estudo de caso do brasileiro imigrante. A vivência multicultural na cidade de Londres é uma realidade presente no cotidiano das relações sociais dos

londrinos. Entretanto, os espaços determinados pelas fronteiras culturais são claros. No caso do imigrante brasileiro em Londres não há uma clara demarcação de fronteiras culturais, pois não se trata de um imigrante marcado por uma identidade tão visível como é o caso dos brasileiros em Portugal (MACHADO, 2003). Por isso, para estudar o brasileiro imigrante nesse contexto urbano, é necessário pensar esse imigrante na dimensão de sua identidade brasileira demarcando também a dimensão da identidade latina, pois não é possível pensar o imigrante brasileiro na Europa sem considerar sua latinidade.

Este artigo visa refletir sobre o ser imigrante brasileiro na Europa analisando questões de estereótipo e domínio da linguagem através da

noção de colonialidade. A categoria imigrante é especialmente incômoda nos países da Europa ocidental. O imigrante compõe o cenário social ocupando posições determinadas em grande parte pelo estereótipo e país de origem. O conhecimento da língua nativa também é elemento fundamental para a inserção do imigrante seja nas relações sociais cotidianas, seja no mercado de trabalho. O domínio da língua também é essencial para ganhar capital social e cultural.

Desde o início da migração em massa, há mais ou menos um século atrás, os especialistas têm se esforçado em oferecer teorias e explicações gerais para o fenômeno da migração. Porém, nenhuma teoria geral conseguiu – ou consegue – dar conta da complexidade e diversidade das inúmeras dimensões dos processos de migração. Essa limitação faz parte da dificuldade geral que experimentam as ciências sociais quando tentam explicar o comportamento humano em um contexto global influenciado por inúmeras variáveis relacionadas. Como afirma Arango (1985), o fenômeno da migração é difícil de definir já que se trata de um processo polifacético e multiforme que só seria possível apreender a partir de um estudo interdisciplinar.

Há também, e se faz importante ressaltar, uma complexidade de processos de territorialização em que estamos envolvidos na atual fase do capitalismo. Essa territorialização se faz ainda mais complexa quando se trata de imigrantes. Um território é ao mesmo tempo funcional e simbólico, ou seja, o espaço se desdobra em domínio político e econômico e em apropriação subjetiva e simbólica. O imigrante ao câmbio de território está sujeito a uma experiência multiterritorial que só pode ser devidamente apreendida dentro de uma concepção de multiplicidade. Não tratarei, portanto, do imigrante enquanto indivíduo desterritorializado – sem território –, mas sim no âmbito de uma multiterritorialidade através da dimensão do aqui (local de moradia) e o lá (país de origem). (HAESBAERT, 2005)

Um exemplo concreto dessa vivência multiterritorial é o pachugo de Otávio Paz (2000). Pachugo foi o nome atribuído aos grupos de jovens de origem mexicana que residia nos Estados Unidos. Esse grupo surgiu na década de 30 e falava um misto de inglês e espanhol. Era um grupo singular por sua conduta, linguagem e vestimenta. Viviam no entremeio das sociedades

mexicanas e estadunidense.

Segundo Sayad (1998), a situação de imigrante implica uma dupla interpretação: apesar do caráter quase definitivo e crescente da migração, apenas se considera o imigrante em seu caráter eminentemente provisório. A sociedade de recepção define o imigrante como trabalhador, mas o instala como estrangeiro, negando-lhe todos os direitos reconhecidos de cidadão permanente. Apesar dessa contradição, a permanência do imigrante trabalhador é partilhada tanto pela população da sociedade receptora como pelo próprio imigrante.

O estudo que aqui desenvolvo não pretende a utilização ou definição de uma teoria geral da migração. Diante do caráter contraditório do imigrante, é importante ressaltar que teoria não se pode esgotar, devendo ir além do contexto atual de globalização e transformação da relação espaço/tempo da experiência multiterritorial. Trata-se de um tema que complexifica a relação material e simbólica com o espaço.

Reconhecendo o quadro acima exposto, devo marcar meu lugar de fala enquanto pesquisadora no campo das ciências sociais latino-americanas e frisar a interdisciplinariedade como fundamental para o desenvolvimento de estudos no campo das migrações. Utilizarei principalmente a perspectiva decolonial neste artigo compreendendo que se trata de uma perspectiva dentre outras possíveis no campo atual das ciências sociais.

A primeira parte do artigo discorrerá sobre a perspectiva histórica da migração brasileira, a fim de contextualizar a discussão do presente artigo. A chegada dos europeus na América é parte essencial da constituição da sociedade sul americana moderna e traz reflexos importantes no movimento migratório atual da população dessa região. Os imigrantes sul americanos que optam pela vida em um país europeu estão sujeitos a vivenciar cotidianamente as consequências do projeto civilizatório de dominação e exploração de povos não europeus iniciado no século XVI.

Na segunda parte do artigo, vou utilizar o trabalho realizado pelo Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido – GEB1 – para apresentar as questões a serem discutidas na terceira parte deste artigo. O trabalho do GEB realizado em 2010 é o segundo estudo quantitativo da comunidade brasileira em Londres realizado e nos permite visualizar e compreender as experiências do viver e ser nesse contexto urbano. O estudo desse trabalho a partir da ótica

da colonialidade é fundamental para relacionar os conceitos trabalhados na terceira parte deste artigo com relatos etnográficos recentes. Ainda nessa segunda parte, vou trazer algumas reflexões sobre os possíveis motivos que levam os brasileiros a migrarem.

A terceira parte do trabalho vai investigar a noção de colonialidade e as categorias “estereótipo” e “linguagem”. Essa discussão será feita através de uma análise da noção de colonialidade do poder e do ser assentada em uma dicotomia entre povos europeus e não europeus marcada pelo estereótipo e pelo domínio da língua nativa. A partir do estudo desses conceitos, vou ampliar a discussão e verificar como essa dicotomia contribui para alimentar uma hierarquia das posições sociais que refletem questões de colonialidade e subalternidade de povos não europeus. Essa análise é fundamental para relacionar os conceitos apresentados na segunda parte deste artigo com o conceito de colonialidade.

Nas considerações finais, irei discorrer sobre as conclusões das análises e indicarei possíveis novos caminhos para a continuidade dos estudos sobre migração e colonialidade iluminando pontos a serem observados quando da realização da pesquisa etnográfica.

PRIMEIRA PARTE

Contextualização do fluxo migratório brasileiro

Entre os séculos XVI e XIX, o fluxo da migração europeia estava voltado para o Novo Mundo. As colônias recebiam grande parte dos migrantes da Europa para exploração do Novo Mundo. Parte do fluxo migratório para a América Latina também veio de diferentes regiões do continente africano, também como reflexo da dominação de povos europeus sob povos de outras regiões.

A civilização européia ocidental se fez centro de exploração de povos pretensamente atrasados, aprofundando e consolidando seu domínio sobre eles. O reconhecimento da alteridades não existia para os dominadores que se viam superiores aos povos do Novo Mundo e que estariam na vanguarda da evolução sócio-cultural.

A partir de 1870, há uma nova onda de recebimento de imigrantes europeus na América

do Sul. Nesse contexto, o governo brasileiro passa a incentivar a “migração direcionada” (SEYFERTH, 2008), selecionando os imigrantes pelo aspecto eugênico, étnico e político. Há um discurso do branqueamento na construção das políticas migracionistas do final do século XIX até metade do século XX. As questões de raça e de segurança política e social do país eram a prioridade das políticas migracionistas.

A lei migracionista em vigor no Brasil data da ditadura militar e corresponde às diretrizes das leis anteriores. Com a chegada de um grande coletivo de imigrantes advindos principalmente do Haiti e do Senegal, a partir do ano de 2010, houve a necessidade de atualização da lei imigratória brasileira e em janeiro de 2012 o governo brasileiro promulgou a Resolução Normativa 97 que dispôs sobre a criação do visto humanitário. Essa Resolução facilitou o acesso desses novos imigrantes ao visto para residência permanente no país e alterou profundamente a dinâmica migracionista brasileira.

A saída dos brasileiros em direção a outros países se iniciou principalmente a partir da década de 60 do século XX. Durante as duas décadas da ditadura militar, a imigração brasileira para o exterior teve como pano de fundo o exílio por questões políticas. Porém, a escolha de sair do país em busca de outras oportunidades no exterior é um fenômeno recente, iniciado principalmente na década de 80 devido às conjunturas econômicas do Brasil.

A década de 80 também foi de caos econômico e social em muitos países da América Latina, fazendo com que a região passasse por drásticas transformações em seu papel e lugar na economia mundial. Essa região volta a exportar capitais sendo que, entre 1980 e 1990, 25% da economia interna foi destinada ao pagamento da dívida externa. Como consequência dessa política financeira, 43% da população se encontrava na pobreza crítica. Os países da América Latina nunca experimentaram um processo estável de desenvolvimento em oposição aos países do centro ou do norte. O Brasil apresenta um exemplo de como a economia na América Latina engendrava um amplo cenário de pobreza e desemprego nesse período.

Esse fluxo migratório de brasileiros em direção a países do exterior se configura então como um fenômeno transnacional importante a ser estudado e apresenta diferentes desafios para o imigrante que deve buscar seu espaço no

mercado de trabalho e na vida social urbana. Os brasileiros têm se constituído, desde a década de 80, em um coletivo de imigrantes presentes em determinadas localidades do exterior.

Brasileiros e brasileiras no Mundo

As “etapas”, “idades” ou “gerações” possibilitam pensar a migração brasileira como um fenômeno em crescimento desde a década de 80. Conhecida no país como a “década perdida” devido à crise econômica, alta inflação e pouca oferta de emprego; muitos indivíduos de classe média buscavam como saída a migração para outros países, na maioria das vezes tido como mais desenvolvidos.

Em 2011, entre 2 a 4 milhões de brasileiros viviam e trabalhavam no exterior. O número é impreciso, pois parte desses imigrantes deixou o país mesmo em situação documental irregular, o que torna a contabilização total uma tarefa difícil. Os Estados Unidos foi e ainda é um dos destinos principais totalizando 40% dos brasileiros que vivem fora do país. O fenômeno da imigração brasileira também se direcionou à Europa a partir da década de 80. Porém, após o ano de 2001, como consequência da política antiterrorista e o endurecimento das políticas migratórias norte-americanas, a imigração para a Europa se tornou uma opção para aqueles que tinham o sonho de sair do Brasil.

Fatores de descendência familiar também são importantes na escolha dos brasileiros por um país de moradia. Devido a grande migração de italianos, espanhóis e portugueses para o Brasil na virada do século XIX para o XX, muitos brasileiros possuem descendência e por isso podem solicitar cidadania europeia facilitando a entrada na Europa. Como consequência, países como Portugal, Espanha e Itália possuem numerosos coletivos de imigrantes brasileiros.

Além disso, é importante lembrar que a entrada de brasileiros em Portugal é facilitada também pela língua que possui um papel fundamental para aqueles que desejam migrar para a Europa. Porém, alguns imigrantes brasileiros veem Portugal como um país “pobre” da Europa, sendo a Espanha, Itália e Inglaterra destinos mais desejados.

Os brasileiros na Europa são muitas vezes vistos como um coletivo homogêneo de imigrantes da

América Latina. Talvez apenas em Portugal o brasileiro ocupe um lugar próprio no cenário de imigrantes devido à língua marcada pelo sotaque e às relações coloniais. (MACHADO, 2003)

Questões de identidade perpassam o cotidiano de imigrantes que vivenciam o ser brasileiro na Europa ocidental. Essa região é marcada pelo fenômeno da imigração, sendo moradia de inúmeros grupos de pessoas advindas tanto do restante da Europa como também de antigas colônias da África, Ásia e América Latina. O ser brasileiro nesse contexto experimenta vivências marcadas por relações intersubjetivas de poder.

Brasileiros e brasileiras em Londres

Nesta segunda parte, vou discorrer sobre os resultados da pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido - GEB em Londres em 2010. Foi um trabalho de pesquisa qualitativo que nos permite uma visão geral dos brasileiros e brasileiras imigrantes.

A maioria dos imigrantes brasileiros em Londres são mulheres, sendo 61% do universo de amostragem da pesquisa do GEB. Em termos de idade, mais de dois terços são indivíduos na faixa dos 25 aos 39 anos. Esses imigrantes são provenientes de diferentes estados da Federação Brasileira, porém três estados da região sudeste e sul do país contribuem para um maior número de indivíduos: São Paulo, Minas Gerais e Paraná.

A pesquisa também mostra que grande parte dos imigrantes brasileiros possuíam um alto nível educacional, sendo que quase três quartos dos pesquisados havia cursado o nível superior. Os resultados desse levantamento também indicaram a diversidade de disciplinas cursadas por esses indivíduos na graduação chegando a um total de 60 diferentes cursos. Apesar desse fato, o curso de Administração de Empresas foi mais frequentemente citado.

Vários foram os motivos apresentados pelos pesquisados para deixar o Brasil e ir para a Inglaterra.

Dentre os mencionados notam-se: acompanhar a família, melhor lugar para viver, fugir da violência urbana no Brasil, curiosidade, cultura e história, casei-me com cidadão britânico, já tinha amigos aqui, não precisava de visto prévio, qualidade do ensino, boa base para se conhecer a Europa, e porque o Brasil não funciona e eu não tenho tempo pra esperar!” (GEB, 2010)

Apesar dos vários motivos listados acima, os objetivos de estudar e trabalhar são os principais. Os motivos mencionados nos permite visualizar mesmo que superficialmente o interesse desses indivíduos ao migrarem para Londres.

Dos brasileiros que entram na Inglaterra, a maioria adentra o país como turista. Muitos entram por possuírem passaporte europeu, o que garante uma possibilidade de ficar no país de modo legal podendo não só trabalhar como receber todos os direitos de um cidadão europeu. Outros indivíduos entram para estudar, com um visto específico para estudantes, o que implica a proibição de exercer trabalho, ou ainda, quando há a permissão para trabalhar, existem limitações de remuneração e de tempo de trabalho impostas pela legislação.

Apesar da situação acima descrita, quando da realização da pesquisa do GEB, dos imigrantes brasileiros pesquisados quase a metade possuía passaporte europeu enquanto que 28,9% dos que não possuíam passaporte europeu estavam com o visto vencido. Nos últimos anos as leis de imigração no Reino Unido têm buscado manter um rígido controle dos estrangeiros advindos de países de fora da Comunidade Europeia. Dessa forma, a legislação britânica tem se atualizado no sentido de se adaptar às mudanças dos fluxos migratórios que tem como destino o Reino Unido.

Aproximadamente 86% dos indivíduos pesquisados afirmaram exercer atividade remunerada. Essa informação corrobora com o principal motivo apresentado para migrar. Dentro os setores de atividade remunerada, os hotéis, bares e restaurantes, assim como setores de negócios, empregavam a maior parte dos imigrantes brasileiros. O serviço de limpeza aparece como o terceiro setor mais escolhido para atividade remunerada.

A maior parte dos imigrantes brasileiros demonstrou uma incerteza quanto à expectativa de permanência no Reino Unido, evidenciando que uma grande parcela se encontra em uma posição provisória tanto em relação ao país de origem como em relação ao país de recepção.

A pesquisa realizada pelo GEB nos permite visualizar o perfil dos imigrantes que constituía a comunidade brasileira em Londres em 2010. A partir desses dados, é necessário o aprofundamento do estudo nesse universo da migração brasileira.

Por que migrar?

Para responder a pergunta que inicia essa parte, é necessário definir o que é um imigrante. Para Sayad (1998), um imigrante é uma força de trabalho temporária. A estadia do imigrante na sociedade de destino está essencialmente relacionada ao trabalho. E talvez o mais importante, não se trata de qualquer trabalho, mas de um trabalho a ser exercido por imigrantes, no lugar e nas condições que lhe são atribuídos. Em cidades grandes como Londres, existe um mercado de trabalho para imigrantes.

Tais trabalhos são em geral os serviços de limpeza, serviços de garçom e lava pratos, serviços de mão de obra braçal na construção civil, etc. Serviços que não são realizados por cidadão locais. Essa divisão do trabalho, ou mesmo, essa hierarquia do mercado de trabalho cria uma verdadeira relação de dominação.

A definição de imigrante enquanto força de trabalho (SAYAD, 1998) corrobora o principal motivo apresentado pelos brasileiros para migrar. O trabalho e, conseqüentemente, o salário recebido possibilitam a inserção do indivíduo na sociedade e o ganho de capital social. A atividade laboral também implica na busca por uma vida melhor, seja garantindo aos familiares que ficaram no Brasil uma fonte de renda extra, seja possibilitando a inserção social desses imigrantes.

A busca por uma vida melhor diretamente relacionada ao trabalho é, em geral, a justificativa para a migração de diferentes povos, como por exemplo, os imigrantes haitianos que tem marcado forte presença na sociedade brasileira desde 2010. Através do estudo realizado por Joseph Handerson (2015), é possível perceber que a imigração haitiana não é um fenômeno novo. As rotas migratórias fazem parte do processo histórico haitiano. E, como afirma Handerson, a saída de parte dessa população não se reduz a questões econômicas. Há na sociedade haitiana a construção de um imaginário a partir da categoria de *peyi blanc* (país branco). Podemos explicar o *peyi blanc* como sendo a referência para grandes países com bom desenvolvimento econômico como, por exemplo, os Estados Unidos e a França. É importante destacar que a expressão não possui apenas um caráter racial. (HANDERSON, 2015).

Grande parte das famílias dos imigrantes brasileiros na Europa vê o imigrante brasileiro

mais europeu, mais adaptado a construção de modelo de vida capitalista no qual a expressão máxima é a elite europeia. A construção desse imaginário é fortemente entre as famílias e amigos, por mais subalterno que esse imigrante seja na hierarquia de trabalho. O imigrante brasileiro seria, então, o negro de Fanon consagrado por seus conterrâneos por ter conhecido a metrópole. Essa ideia também é corroborada por Handerson ao citar o termo diáspora utilizado pelos haitianos enquanto categoria que designa os compatriotas que moram no exterior.

Podemos pensar, então, que a saída de brasileiros do país a partir da década de 80 pode estar relacionada também a uma motivação ideológica da busca por uma vida melhor em um país considerado desenvolvido, como no caso dos haitianos que escolhem como destino um país considerado um *peyi blanc*. A análise da migração como fenômeno puramente econômico é criticada por diversos autores, como Alexander e Knowles (2005), que afirmam que os estudos migratórios devem ser encarados como reflexões sociológicas, pois aspectos subjetivos de diferentes realidades locais devem ser considerados ao realizar estudos sobre migração. Como exemplo, posso citar o caso de brasileiros que buscam o exterior como caminho para uma reconstrução identitária através da cirurgia de troca de sexo. Portanto, a motivação da escolha de sair do país não possui apenas um caráter econômico, esta abrange também questões simbólicas.

É importante ressaltar que a participação em uma rede social migratória é fundamental para balizar a escolha de migrar para outro país. Essas redes permitem ao indivíduo socializar as dificuldades da entrada no país escolhido e da procura pelo primeiro emprego. Não é possível compreender a escolha por migrar sem analisar o papel essencial exercido pelas redes sociais de migração.

SEGUNDA PARTE

Colonialidade

La globalización en curso es, en primer término, la culminación de un proceso que comenzó

con la constitución de América y la del capitalismo colonial/moderno y eurocentrado como un nuevo patrón de poder mundial. Uno de los ejes fundamentales de ese patrón de poder es la clasificación social de la población mundial sobre la idea de raza, una construcción mental que expresa la experiencia básica de la dominación colonial y que desde entonces perne las dimensiones más importantes del poder mundial, incluyendo su racionalidad específica, el eurocentrismo. (Quijano, 2000)

Esse trecho é parte do primeiro parágrafo do artigo de Quijano chamado “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina” (2000). Esse pequeno trecho no traz questões fundamentais para pensar a colonialidade e sua relação com os conceitos de linguagem e estereótipo e dar início ao debate a que me proponho.

A colonialidade não pode ser pensada como uma continuidade do colonialismo. Após os processos de independência de grande parte das colônias americanas, não foi somente a exploração do trabalho, nem a centralização dos recursos que permitiu a expansão e consolidação dos europeus enquanto dominantes. Foi principalmente a constituição das categorias que conhecemos por “raça”, “cor” e “etnia”, enquanto categorias que hoje são inerentes à relação de poder entre dominantes e dominados. Portanto, a dominação se exerce sobretudo sob aspectos “étnico-raciais” enquanto elementos inerentes ao eurocentrismo.

A partir dessa mesma matriz de poder intersubjetivo e para além da desigualdade e problemas sociais característico do colonialismo, a colonialidade do saber nos mostra que há uma dominação também de cunho epistemológico do eurocentrismo. A produção de conhecimento está cerceada e impede a diversidade epistêmica ao dominar saberes de diferentes povos e culturas.

Da expansão dessa racionalidade eurocentrista, surgem outras relações de poder que aprofundam a dominação, integrando conteúdos do próprio ser. Como um processo perverso que cria moldes, limites para as possibilidades de construção do ser. Desse processo, emerge a noção de colonialidade do ser.

O conceito de colonialidade do ser nasceu da discussão sobre as implicações da colonialidade do poder em diversas áreas da sociedade.

Essa categoria se refere à experiência vivida da colonização e o impacto na língua e não apenas na mente dos sujeitos subalternos. A língua enquanto fenômeno cultural delimita fronteiras de conhecimento e serve como instrumento de dominação e imposição de disciplina. A língua é algo que somos, não algo que possuímos. (MALDONADO-TORRES, 2007). Nesse contexto, o imigrante brasileiro em Londres vivencia expressões existenciais da colonialidade principalmente a partir do uso da língua local e do estereótipo.

Linguagem

Para tratar questões sobre a linguagem, vou trazer questões sobre a leitura do capítulo um do livro de Frantz Fanon "Pele negra, máscaras brancas" (2008). Essa revisão teórica não pretende aprofundar o debate proposto pelo autor, mas apenas trazer algumas análises pois, assim como Fanon em sua análise da relação da linguagem e o negro, atribuo uma importância fundamental para a linguagem e os estudos da migração.

"Falar é (...) sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização" (FANON, 2008). Falar é existir para o outro. Assumir a língua dos dominadores é em grande parte assumir sua cultura. A língua dos dominadores falada pelos dominados é sempre marcada pelo sotaque que distingue os indivíduos subalternos daqueles em posição superior numa hierarquia da dominação.

O imigrante brasileiro em Londres se depara cotidianamente com o problema do domínio da língua. Muitos grupos escolhem essa cidade como destino a fim de estudar e aprender a língua inglesa. Portugal apresenta uma alternativa quando o imigrante se depara com a dificuldade de comunicação. Apesar da facilidade em se comunicar, o sotaque demarca a brasilidade desses imigrantes. Essa demarcação da linguagem possui consequências diversas. Uma delas é a posição social claramente visível ocupada por brasileiros dentro da sociedade portuguesa. Nesse país, a identidade brasileira faz parte do imaginário local, sendo inclusive objeto de exotização para fins mercadológicos. (MACHADO, 2003)

Essa tomada de posição social e cultural na

sociedade portuguesa é caso bem específico. No caso londrino, a língua apresenta uma grande barreira para os imigrantes brasileiros se inserirem socialmente e buscarem trabalho. No processo de aprendizagem da língua, as relações intersubjetivas de poder passam a permear a vida social desse imigrante. Como observou Fanon (2008):

Todo povo colonizado - isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural - toma posição diante da linguagem da noção civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará de sua selva.

Podemos pensar, então, que o imigrante brasileiro será mais branco, mais europeu quanto mais se aproximar da língua falada em países centrais da Europa. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais esse indivíduo se distanciará da categoria de imigrante e se aproximará do ser europeu.

Como afirma Leopoldo Zea, a diferenciação entre civilização e barbárie, ou termos atuais, entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, é negado ao outro a possibilidade de um verdadeiro discurso. O discurso colonial além de não permitir o discurso do colonizado, também não admite a este a total assimilação do estereótipo europeu. "O bárbaro pode assimilar o logotipo de seu dominador, mas jamais alcançará sua fluência" (ZEA, 2005). O imigrante brasileiro pode até adquirir a fluência na língua inglesa, mas seu estereótipo jamais deixará de demarcar as fronteiras sociais e culturais.

Estereótipo

Para tratar da noção de estereótipo, vou analisar o trabalho do indiano Homi Bhabha (1998), um crítico cultural destacado pelos estudos sobre a dominação colonial e os legados do colonialismo.

Para Homi Bhabha, o estereótipo se destaca como estratégia de conhecimento e identificação, tendo uma característica de ambivalência das relações sociais de poder e saber. O estereótipo

é uma identidade baseada na dominação e na defesa, na crença contraditória em reconhecer e recusar a diferença. A crença na diferença torna o sujeito colonial como desajustado, e ao mesmo tempo, o estereótipo é a falsa representação de uma realidade. O discurso colonial é o aparato de poder que reconhece e repudia a diferença cultural, legitimando os estereótipos do colonizador e do colonizado.

Esse discurso apresenta o colonizado como degenerado, um outro que é apreensível e visível. O estereótipo fixa, assim, uma ideia negativa a respeito do outro que não está classificado dentro dos padrões sociais requeridos. Ao sujeito colonial é reservada a negação que dá acesso ao reconhecimento da diferença.

Portanto, o estereótipo do imigrante brasileiro em Londres corresponde a uma classificação legitimada pelo discurso colonial refletindo as relações de poder que atuam no processo de adaptação desses indivíduos à realidade cotidiana dessa cidade europeia.

TERCEIRA PARTE

Colonialidade e Migração

Para pensar a imigração e sua relação com a colonialidade, devemos investigar quais as posições sociais que o imigrante brasileiro ocupa diante de uma sociedade branca europeia. Nos últimos quarenta anos, a Europa tem utilizado a colonialidade do poder através da presença dos trabalhadores migrantes, em sua maioria advindos de outras nacionalidades e “etnias” muito diferentes da europeia, como os latinos e norafricanos. Nesse processo, o eurocentrismo exclui e domina esses imigrantes não europeus demarcando fronteiras a partir do estereótipo e da língua.

A propensão para sair do país não vem de classes mais pobres. Ao contrário, o trabalho realizado pelo GEB (Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido) em 2010 aponta que os imigrantes brasileiros em Londres possuem bom nível educacional com ensino superior, ou seja, são imigrantes qualificados. Entretanto, esse mesmo estudo mostra que a maior parte desses indivíduos trabalham em bares, hotéis e com serviço de limpeza. A construção civil também

é um campo de trabalho desses imigrantes sendo dominados por homens. As mulheres são predominantes nos serviços de limpeza.

Os brasileiros estariam então exercendo o trabalho 3-D definido por Hsiao-Hung Pai (2004) como sendo o trabalho sujo, perigoso e degradante. Existe uma demanda por trabalhadores que venham a executar esse trabalho 3-D como, por exemplo, o trabalho doméstico exercido por imigrantes latino-americanas em grandes cidades europeias (GUTIÉRREZ-RODRÍGUES, 2012). O trabalho dessas imigrantes permite que a mulher branca europeia se dedique a sua carreira e ao desenvolvimento pessoal, vivendo uma espécie de emancipação feminina, porém à custa do trabalho subalterno de mulheres de povos periféricos. As imigrantes latinas deixam sua família e filhos em seus países de origem, muitas vezes aos cuidados de parentes, e optam por migrar para garantir uma remessa de dinheiro para seus filhos. Essa relação mercadológica cria uma divisão sexual do trabalho assimétrica entre as mulheres latinas e as mulheres europeias. A assimetria tem como base a colonialidade do poder que permeia essa relação de dominação entre mulheres de povos periféricos e mulheres de países centrais.

As mulheres imigrantes trabalhadoras participam de uma cadeia de trabalho que está sempre a favor da família branca europeia. Os filhos dessas famílias recebem atenção e carinho e seus pais e a mulher imigrante latina garante a essas crianças o carinho e atenção na ausência dos pais. Essa cadeia de trabalho gera uma relação de dominação que podemos chamar de colonialidade do amor, pois até mesmo o amor está balizado por relações intersubjetivas de poder.

A migração brasileira para os chamados países desenvolvidos seria então só mais uma etapa do jogo perverso do capitalismo globalizado. O desejo de buscar uma vida melhor é muitas vezes ofuscado pelas relações de poder que colocam o imigrante latino sempre em posição subalterna seja por sua aparência, seja pela cor, seja pelo domínio da língua.

Para Quijano (2013), o fluxo migratório atual constitui uma dinâmica única na circulação global de pessoas. Essa dinâmica está pautada nas relações de poder intersubjetivas que condenam determinados povos à subalternidade expressa não só na hierarquia do mercado de trabalho,

como também em todas as esferas da experiência da vida em sociedade.

A produção de identidades e espaços precisa ser compreendida na interação complexa entre o local e o global permeados por esses elementos da pós-modernidades e da reorganização da divisão internacional do trabalho no sistema capitalista mundial. Nesse processo, a América Latina ocupa um lugar determinado nessa fase tão fragmentada do capital. Para a América Latina, o pós-imperialismo é a forma que predomina e dá conteúdo à contemporaneidade política, econômica e cultural que impõe certos modelos interpretativos (RIBEIRO, 2001).

Para Canclini (1999, 2002), a América Latina se globaliza através da migração pela chamada "diáspora latina". As migrações dos processos simbólicos e do mercado informal são apontadas pelo autor como uma das principais dinâmicas socioculturais que geram processos de hibridização culturais na América Latina contemporânea. A participação dessa região no universo globalizado capitalista ainda prevalece enquanto local periférico cuja contribuição nesse processo global é desigual, predominando contradições que afloram nas assimetrias globais permeadas pela colonialidade do poder.

CONCLUSÕES

Como afirma Castells (1999), é preciso considerar o fenômeno das migrações internacionais como um movimento contínuo de deslocamento populacional pautado na necessidade, na troca e até mesmo na guerra. Vivemos em um tempo onde os espaços se encurtam cada vez mais e o saber local é constantemente questionado e reconduzido pelo saber global.

É dentro desse processo global de fluxos de pessoas e compreendendo o lugar de representação da América Latina que devo concentrar a análise a fim de desenvolver essa pesquisa sobre brasileiros em Londres. Assim como o estudo desenvolvido por Ribeiro (1999) com brasileiros em São Francisco - que identificou uma exacerbação da brasilidade nesse contexto que os indivíduos não assumiam no próprio Brasil e o trabalho de Machado (2003) sobre a "mercantilização das identidades" de brasileiros no Porto, minha investigação procurará identificar os símbolos do estereótipo brasileiro no contexto da cidade de Londres. Há um universo de símbolos que foram, e são, atribuídos aos brasileiros através da dominação

colonial e moderna e são considerados hoje marcas inquestionáveis da identidade brasileira. Essa imposição identitária nos mostra como os imigrantes percebem e fazem uso de estereótipos nacionais para ganharem capital social e garantir a inserção no mercado de trabalho. Nesse contexto, os indivíduos caminham cotidianamente por diversos cenários, transbordando diferentes marcas identitárias, desde as exacerbadas pelo mercado de trabalho até as de negação dessa identidade a partir da integração à vida londrina e europeia.

Após análise teórica que possibilitou o desenvolvimento desse trabalho, acredito que a esfera do mercado de trabalho do imigrante brasileiro é um dos caminhos possíveis, e que se mostra bastante fértil, para a elaboração dessa pesquisa etnográfica pois conforme identificado pelo GEB (2011), os brasileiros em Londres mesmo possuindo nível superior de estudo acabam ocupando posições inferiores no mercado de trabalho. Portanto, resta claro que no desenvolvimento da minha etnografia devo focar a investigação na forma como os brasileiros são vistos nesse contexto urbano multicultural a fim de explorar a relação entre migração e colonialidade através das categorias estereótipo e linguagem.

REFERÊNCIAS

- ARANGO, Joaquín. **Las 'Leyes de las migraciones de E.G. Ravenstein, cien años después'**. Revista Española de Investigaciones Sociológicas, 1985.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. **A escravidão entre dois liberalismos**. Dialética da colonização. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- EVANS, Yara; TONHATI, Tânia; DIAS, Gustavo Tentoni (orgs.). **Por uma vida melhor: brasileiras e brasileiros em Londres**, 2010. Londres: Relatório do Grupo de Estudos sobre Brasileiros em Londres, 2011.

- FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Globalizarnos o defender la identidad**: como salir de esta opción; "Mercado y Interculturalidad: América Latina entre Europa y Estado Unidos". La globalización imaginada. Buenos Aires-Barcelona-México: Editorial Paidós, 1999.
- GEB, Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido. **Por uma vida melhor**: brasileiras e brasileiros em Londres, 2010. Londres: 2011.
- GUTIÉRREZ-RODRÍGUEZ, Encarnación. **Migration, Domestic Work and Affect**: a decolonial approach on value and the feminization of labor. New York, 2012.
- HAESBAERT, Rogerio. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. **Anais** do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo, 2005.
- HANDERSON, Joseph. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Dissertação de doutorado apresentada no Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2015.
- HSIAO-HUNG, Pai. An Ethnography of Global Labour Migration. **Feminist Review** (77). London, 2004.
- KNOWLES, C.; ALEXANDER, C. **Making Race Matter**: bodies, space and identity. PalgraveMacmillian, 2005.
- MACHADO, Igor. **Cárcere Público: processos de exotização entre imigrante brasileiros no Porto, Portugal**. Dissertação de doutorado apresentada no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UNICAMP, Campinas, 2003.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.
- MARGOLIS, Maxine L. Goodbye, **Brazil: emigrantes brasileiros no mundo**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- PAZ, Octávio. **El laberinto de la soledad**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000 [1950].
- QUIJANO, Aníbal. "América Latina en la economía mundial" (1993). In: CLÍMACO, Danilo Assis (comp.). **Aníbal Quijano: Cuestiones y Horizontes**. Antología Esencial. De la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: CLACSO, 2014.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. O que faz o Brasil, Brazil. Jogos Identitários em São Francisco. In: ROCHA REIS, ROSSANA E SALES, TERESA (comps.). **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.
- SEYFERTH, Giralda. Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político. Trabalho apresentado na Mesa Redonda Imigrantes e Emigrantes: as transformações das relações do Estado Brasileiro com a Migração. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, 2008.
- ZEA, Leopoldo. **Discurso desde a Marginalização e a Barbárie**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

Recebido em: 11/05/2016

Aceito em: 05/09/2016